P12

Villela Filho, Teotônio

Vilela Filho, Teotônio
001
Reportagem 0038

PERFIL

Presidente do PSDB deixa temporariamente a cachaça de alambique e as buchadas para controlar a crise que acabou na saída de Sérgio Motta da executiva do partido

TEOTÔNIO VILELA FILHO

Ana Beatriz Magno
Da equipe do **Correio**

Em nome — e com o nome — do pai, o filho trocou uma paixão, motocicletas, por uma profissão, política. Diz que é destino - mas preferia outro. Sina do presidente do PSDB, senador alagoano Teotônio Vilela Filho, 46 anos, homem que passou os últimos 15 dias tentando acalmar as sucessivos crises no ninho tucano.

Brigou e ganhou queda de braço com o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, no episódio de filiação do ex-governador baiano Nilo Coelho ao PSDB. Quebrou o silêncio peesedebista sobre o ex-governador Ciro Gomes e disse que tentaria fazer de tudo para evitar sua saída do partido. Meteu-se no que mais detesta: as intermináveis negociações e reuniões, para controlar dissidentes tucanos em vários estados. Fez tudo sem alarde, é seu estilo.

Téo, como é chamado pelo amigos, entrou para a política pelas mãos do pai, "o velho senador Teotônio", morto em 1983 depois de virar símbolo da campanha pela Anistia aos perseguidos pela ditadura militar. O passado do "velho", o "Menestrel das Alagoas" cantado por Milton Nascimento, virou adoração para o filho.

Seu gabinete, o número 2, no Senado, é o mesmo do velho Teotônio. Lá, não faltam decalques com desenhos que o cartunista Henfil fizera para seu pai. Antes de assumir a presidência do PSDB, Teotônio Filho morava na suíte 1510 do Hotel Nacional, a mesma que o menestrel da Anistia ocupava quando morava em Brasília.

Mas Teotônio, o filho, não tem o carisma do pai. Não é bom de palanque como ele. Assume que sua verdadeira vocação está nas motos. Tem duas: uma Harley-Davison para viajar pelo sertão alagoano e uma Honda 250 - é nela que, todo fim de semana percorre pelo menos 300 quilômetros pelas praias nordestinas. É trabalho, diz. Está fazendo um levantamento da situação do litoral.

Quanto à política, assume que não gosta de fazê-la. Mas faz, e com rigor. Acorda às 7h30, trabalha 14 horas por dia, participa de até 10 reuniões e atende cerca de 20 ligações. Na segunda-feira passada, em Maceió, recebeu o pior telefonema dos últimos tempos.

Do outro lado da linha estava o ministro das Comunicações, Sérgio Motta. Dizia que estava abandonando a direção do PSDB. Teotônio tentou convencê-lo do contrário. Não conseguiu. Serjão saiu atirando.

Acusou de eleitoreira a filiação no PSDB do ex-governador baiano Nilo Coelho. A entrada de Nilo foi decidida pelos tucanos da Bahia e avalizada pela executiva com o voto de Teotônio.

Com palavras duras, Serjão disse que o partido estava condenado a desaparecer. Téo não perdeu o prumo, não gritou, mas confessa que ficou arrasado. "O partido tem rumo sim", rebateu o senador, nascido sob o signo de aquário e com o ascendente em touro. "Já fiz meu mapa astral", conta.

O episódio Nilo Coelho, acusado por Serjão de ter passado suspeito, não é novidade na vida de Téo. O que é novo é o lado em que ele está. Em 1985, seu conterrâneo Fernando Collor de Mello queria entrar para o PMDB, para se candidatar ao governo alagoano.

Ronaldo de Oliveira

Teotônio Vilela Filho, um político que não gosta de política: herança nada paterna e brigas com Sérgio Motta para controlar dissidências dentro do PSDB

Téo era peemedebista e fez de tudo para barrar Collor, a quem conhecia desde a juventude. Achava que ele não combinava com a tradição do PMDB, na época muito ligado à redemocratização. Primeiro, Collor tentara virar peemedebista em Maceió, mas Téo o boicotou. Recorreu, então, ao diretório nacional em Brasília.

Ao saber do atalho usado, Teotônio veio até a capital pedir ao dr. Ulysses Guimarães para frear a filiação. Ulysses aceitou, mas impôs a condição de Teotônio candidatar-se ao governo de Alagoas no lugar de Collor.

Téo não topou, disse que seu negócio era barrar Collor e mais nada. A negociação terminou com Teotônio saindo candidato ao Senado e Collor ao governo. Foi uma campanha tumultuada, cheia de brigas. Ao final, os dois foram eleitos. "Não gosto de falar de Collor", diz o político que adora cachaça de alambique e uísque e não dispensa buchada com forró.

De perfil algo excêntrico para os padrões políticos brasileiro, Téo, faz de tudo para não misturar a vida política com a pessoal. Não fala de trabalho com a mulher Cyntia, nem com os filhos Artur, 12 anos, e Alice, 8. Quando está em Alagoas — vai sempre nos fins de semana — faz questão de caminhar pela praia. Está lendo *Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas*, um livro de teor espiritual.

"Além de adorar motos, gosto dos livros que tratam do espírito, da dimensão humana", conta o político que não sabe dar nó na gravata, odeia cinzeiro sujo e vive esquecendo as ordens que dá à secretária Abadia Alves Cardoso, ao lado do chefe há 12 anos. "Ele é muito avoado. Nunca disca um número de telefone e jamais se lembra do Dia da Secretária. Não lembra nem do aniversário dele", entrega Abadia.

Sua hora de leitura são as viagens de avião. Detesta quando um "chato" senta ao seu lado. Aprendeu com a pai. "O velho dizia que essa gente tira a nossa solidão e não faz companhia", ensina.

Em Brasília, Teotônio mora num apartamento na 309 sul. Gosta da cidade. Chegou aqui em 1969 por ordem da mãe, dona Lenita, mulher que não se metia em política e adorava artesanato — fazia bonecas e talhas. Mandou que Teotônio, o segundo dos seis filhos — três homens e três mulheres — morasse com o pai, na época senador. "Ela achava que ele tinha uma vida desregrada e solitária. Minha missão era fazer companhia", conta.

Missão cumprida. Em 1974, Téo se formou em economia pela Universidade de Brasília (UnB). Escolheu o curso porque pensava que trabalharia nos negócios da família, todos usineiros tradicionais em Alagoas. Mas logo acabou se metendo na política. Virou secretário particular do pai. "Era fantástico vê-lo trabalhar. Com ele, eu gostava de fazer política", diz o senador.

Foi ao lado do pai que conheceu o presidente Fernando Henrique, em 1981, na época estrela do MDB. Fernando Henrique foi a um comício em Maceió e fez um discurso inflamado que espantou o velho Teotônio: "Como é que um sociólogo tem um discurso metigueiro desses?".

"Nunca esqueci aquilo", lembra o senador que odeia a rotina de negociações, marca registrada da política.

Para quem não gosta de reunião política, a rotina de Teotônio é infernal. Na última quinta-feira, por exemplo, ficou 12 horas trancado numa entediante reunião da executiva do PSDB discutindo o que fazer para contornar a ameaça de saída do partido de Paulo Hartung, ex-prefeito de Vitória. Apesar de terem passado o dia e a noite discutindo o assunto, não chegaram a nenhuma conclusão.

"Isso é insuportável. Estou exausto", dizia às 23h00, um Teotônio cheio de olheiras que ainda encontraria o deputado Artur Virgílio Neto (AM), secretário-geral do PSDB. "Meu amigo, a gente vai morrer de tanto trabalhar para os outros", costuma brincar o amazonense, hoje dos políticos mais próximos do senador.

Seu apartamento também não parece moradia de quem não gosta de política. Virou gabinete. Seus cafés da manhã são disputados por prefeitos, vereadores e gente importante do governo e do Congresso.

Téo acorda às 7h30 — o despertador costuma ser o telefonema do assessor particular, Paulo Pedrosa. Às 8h, Maria, empregada há quatro anos, já está servindo o café da manhã para políticos convidados pelo senador. "O café é quase sempre de trabalho, é a hora dele ouvir os políticos, e costuma ter muitas rodadas. É servido várias vezes", conta Paulo.

Só na manhã da última quarta-feira, passaram por lá, José Gregori, secretário nacional de Direitos Humanos, Eduardo Greff, assessor parlamentar da Presidência da República, Raul Cristiano, braço direito do ministro da Educação, e Edson Aparecido, assessor especial do ministro das Comunicações. Juntos examinaram documentos mandados pelos diretórios estaduais do partido sobre o desempenho do governo federal.

Dentro do PSDB, em 1996, transformou em obsessão fazer do partido do presidente Fernando Henrique uma legenda com vida própria. "Antes, o partido era escravo do dia-a-dia. Fazíamos reuniões semanais só para discutir agenda. Agora é diferente", diz o senador que tem como meta fazer do PSDB o partido mais bem articulado da América Latina.

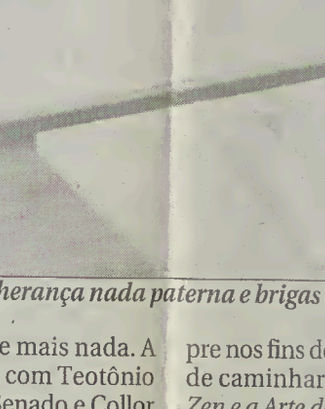
"O PFL é diferente do PSDB. Queremos um Estado no tamanho certo e preocupado com as questões sociais. Por isso somos sociais-democratas. Eles são liberais. Querem um Estado mínimo", repete o senador, sempre de voz baixa e com um cigarro *Free* nas mãos.

FRASES

- "A MAIOR LEMBRANÇA QUE TENHO DE MEU PAI É NO ENTERRO DO MEU AVÔ. UM DIA CHUVOSO. ELE E OS IRMÃOS ESTAVAM DE CHAPÉU E CAPA, MONTADOS EM CAVALOS, AO LADO DO CARRO DE BOI QUE TRAZIA O CORPO DE VOVÔ."

- "MINHA ESCOLA POLÍTICA É A MESMA DO MEU PAI. É A ESCOLA DA ÉTICA. MEU PAI ME ENSINOU A TER ADMIRAÇÃO PELO SIMPLES E PELO POVO. SÓ GOSTAVA DE POLÍTICA AO LADO DELE".

- "O PSDB VAI SER O PARTIDO MAIS BEM ARTICULADO DA AMÉRICA LATINA. ESSA É MINHA MISSÃO. DETESTO POLÍTICA, MAS VOU CUMPRI-LA".



- "O PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE É SOCIAL-DEMOCRATA. O GOVERNO AINDA NÃO. AINDA NÃO SABEMOS QUE SOCIAL-DEMOCRACIA QUEREMOS. ISSO É UMA MISSÃO PARA O PSDB DISCUTIR".

- "O MAIS CHATO NA POLÍTICA SÃO AS REUNIÕES, AS INTERMINÁVEIS NEGOCIAÇÕES. A ÚNICA COISA GRATIFICANTE É QUANDO A GENTE VÊ QUE AS POLÍTICAS PÚBLICAS ESTÃO AJUDANDO AS PESSOAS".

- "O QUE EU GOSTO MESMO É DE CAMINHAR NA PRAIA EM MACEIÓ. MINHA PAIXÕES SÃO AS MOTOCICLETAS E O CAMPO".